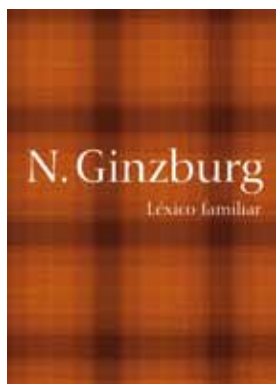


Por Luisa Destri

Os pormenores da História e da resistência familiar



Léxico familiar, publicado na Itália em 1963, é o relato das consequências do fascismo e da Segunda Guerra sobre um círculo íntimo e diminuto: os judeus italianos Levi, a família da autora, Natalia Ginzburg.

A célula familiar, sob o abrigo de um pai rude, porém afetuoso, sobrevive ao tecido social manipulado por um ditador carismático e autoritário. Nesse contraponto, o “léxico familiar” é o instrumento próprio da resistência – ou, nas palavras de Ginzburg, “o fundamento da nossa unidade familiar, que subsistirá enquanto estivermos no mundo”.

Em Natalia, que adota o sobrenome do primeiro marido, Leone, essa unidade familiar se manifesta na forma como conjuga traços dos pais. A mãe foi, por excelência, a contadora de histórias da família, com capacidade ímpar de a tudo transformar em provérbio: a sentença, por exemplo, “Não reconheço mais a minha Alemanha!”, proferida por um livreiro amigo da família quando, após

a Primeira Guerra, retornou a seu país, era por ela usada sempre que não reconhecia algo, ou sempre que alguém estivesse, a seus olhos, muito mudado. E as primeiras impressões, que no pai se transmudavam em teimosia, na filha se convertem em sensibilidade aguda para prontamente captar a identidade daqueles que retrata.

São registrados os detalhes mais capazes de definir a singularidade: o “erre arrastado” de um amigo que andava sempre entre Turim e a Romênia; a “meia cerzida com linha vermelha” que um sujeito usava ao fugir, na França, da ocupação alemã; “os sulcos melancólicos” que surgiam no rosto do irmão quando, estando “em repouso com as mãos unidas e apertadas entre os joelhos”, não dizia palavra sobre seu casamento e seu divórcio.

E são esses traços que Ginzburg pretende resgatar, como prova da sobrevivência do afeto, da alteridade e da intelectualidade em uma sociedade assolada pela destruição levada a cabo no século XX.

Léxico familiar
240 páginas – Cosac Naify

Trecho

“– Como eu gostaria de ser um rei criança – dizia minha mãe com um suspiro e um sorriso, porque as coisas que mais a encantavam no mundo eram o poder e a infância, mas gostava delas combinadas juntas, de modo que a segunda mitigasse a primeira com sua graça, e a primeira enriquecesse a segunda com a autonomia e o prestígio. – Mas olhe que “veia” feia eu me tornei – dizia, ajeitando o chapéu na frente do espelho, chapéu que colocava simplesmente porque o tinha comprado e custava caro, mas que tiraria logo na primeira esquina da rua.

– Pensar que eu gostava tanto de ser jovem! Hoje me sinto com quarenta anos – dizia à Natalina, na soleira da porta. – A senhora tem mais de quarenta, a senhora tem quase sessenta porque é seis anos mais velha que eu – dizia a Natalina, agitando a vassoura ameaçadoramente, porque costumava falar sempre num tom agitado, e com uma expressão ameaçadora. – Com esse lenço aí, – dizia-lhe minha mãe – você não parece o Luiz XI. Parece o Marat. – E saía de casa”
(p. 140)

Estudos sobre o romance



A cultura do romance é o primeiro dos cinco volumes de *Romance*, série de fôlego lançada pela Cosac Naify sob organização do italiano Franco Moretti. O tomo pretende-se um panorama vasto e profundo do que se firmou como o gênero literário por excelência da modernidade.

Nesse primeiro livro, mais de 40 colaboradores realizam estudos em torno de quatro questões centrais. A primeira delas dedica-se a ilustrar a trajetória cumprida pelo gênero desde as narrativas orais até a superação de obstáculos legais, reunindo, ainda, documentos relacionados a processos enfrentados por grandes obras, como a sustentação oral do advogado de acusação no processo contra *Madame Bovary*, de Flaubert, e a sentença que autorizou a publicação de *Ulisses*, de Joyce, nos EUA.

A segunda investiga como se relacionam a supremacia da prosa de ficção diante dos demais gêneros literários e a forma como o homem se pensa no mundo. A terceira centra-se na relação escritor-leitor. E a última examina a relação do gênero com o universo burguês e as grandes cidades, e traz análises de obras que, por meio de experimentos com a linguagem, buscaram ultrapassar os limites do próprio romance. É nesta seção que aparecem os brasileiros José Luiz Passos, professor na Universidade da Califórnia, e Mario de Andrade, num estudo que destaca como se combinam, em *Macunaíma* (1928), experimentalismo linguístico e consciência nacional.

O ensaio “É possível pensar o mundo moderno sem o romance?”, de Mario Vargas Llosa, abre este livro – inaugurando, portanto, toda a série. A resposta à pergunta-título, naturalmente, será negativa: para o romancista peruano, é impossível pensar o mundo sem o “vínculo fraterno que o romance estabelece entre os seres humanos”.

A cultura do romance
1.120 páginas – Cosac Naify

Seguindo o fluxo da memória



A pontado nos dois últimos anos como um dos favoritos ao Nobel de Literatura, o italiano Claudio Magris tem agora o terceiro de seus títulos lançado no Brasil: o romance *As cegas*, no qual recupera o lugar-comum de um velho homem que, desconstruído

de sua lucidez, decide narrar sua trajetória a uma figura não identificável a fim de garantir a perpetuidade dessa mesma história.

O protagonista é Salvatore Cippico, sujeito de mais de 80 anos internado em uma clínica psiquiátrica, enquanto seu interlocutor é o doutor Ulcigrai — para nós, apenas um nome. O relato segue o andamento próprio da lembrança, ou seja, a lógica do texto obedece às associações aparentemente livres da memória.

Nesse caso, trata-se de uma liberdade apenas aparente, sobretudo porque a memória do narrador é coletiva, e não individual. Passou por Dachau, pela Guerra Civil espanhola, pelas Guerras Napoleônicas e pela Guerra Negra, ocorrida na Tasmânia no início do século XIX. Transitando por espaços e tempos diversos, seus devaneios procuram experiências que se repetem na história da humanidade: as revoluções, as guerras, a dominação.

A narração se desenvolve em espiral, em um movimento que acaba por diluir os limites entre subjetividade e objetividade. Assim, ao tomar como sua uma experiência que é coletiva, esse indivíduo parece querer restituir ao sujeito sua responsabilidade como autor da História.

Para que isso ocorra, entretanto, o leitor deverá se lembrar da necessidade de desconfiar – afinal, o relato é a construção de um homem que, embora consciente, se acha internado por distúrbios psiquiátricos, e todos os que falam em primeira pessoa têm total liberdade para falsear. Ao menos quando o narrador afirma: “Não é culpa minha”, traindo todo o seu esforço em se assumir como autor dos episódios relatados.

Às cegas
384 páginas - Companhia das Letras